

Os efeitos das analogias saussurianas na reflexão sobre Aquisição da Linguagem¹

Saussurian analogies and their effects in reflection about language acquisition

Carmem Luci da Costa Silva

RESUMO

Este trabalho aborda os pontos de encontro Saussure-Benveniste a partir das analogias saussurianas² e da reflexão enunciativa benvenistiana sobre linguagem para refletir sobre aquisição da linguagem com a consideração dos dados de FRA, criança acompanhada longitudinalmente dos onze meses aos três anos e quatro meses.

PALAVRAS-CHAVE

Analogias saussurianas – enunciação benvenistiana – aquisição da linguagem

ABSTRACT

This work approaches the common grounds in Saussure's and Benveniste's work based on the saussurian analogies and on benvenistian enunciative studies in order to reflect on language acquisition, considering the data of FRA, a child longitudinally filmed from eleven to three years and four months old.

KEYWORDS

Saussurian analogies – benvenistian enunciative studies – language acquisition

¹ Trabalho apresentado no Congresso Internacional 100 anos com Saussure, São Paulo, USP, setembro de 2013.

² A analogia é utilizada aqui como uma operação linguística, que envolve criações constituídas pela associação de formas da língua. Para Saussure (2002/2004, ELG, p. 140), “representa uma associação de formas no espírito, ditada pela associação de ideias representadas.” Nesse caso, o termo é utilizado em uma acepção teórica.

PALAVRAS INICIAIS

Este trabalho procura responder à seguinte questão: como o *tesouro*, metáfora saussuriana para língua, depositado nos interlocutores da criança, passa a ser próprio dela para se enunciar? A questão formulada vincula-se diretamente à busca de explicação para o processo de aquisição da linguagem, considerando, de um lado, o ponto de vista saussuriano sobre língua, de outro lado, o ponto de vista enunciativo

benvenistiano sobre a língua em emprego.

Como lembra Normand (2009), nas abordagens que tratam da relação Saussure-Benveniste, um dos discursos que aparece é o da filiação. Esse discurso mostra que Saussure gerou Benveniste. A defesa de Normand é a de que Benveniste “encontrou” Saussure no que pôde conhecer de suas escritas, assim como muitos linguistas conheceram ambos através do que escreveram. Nesse sentido, este texto mostra os efeitos que o encontro com esses linguistas, por meio da leitura de suas obras – *Curso de Lingüística Geral* (SAUSSURE, 1916/2000); *Escritos de Lingüística Geral* (SAUSSURE, 2002/2004); *Problemas de Lingüística Geral I* (BENVENISTE, 1966/1995) e *Problemas de Lingüística Geral II* (BENVENISTE, 1974/1989) –, promoveu na reflexão que realizo sobre a aquisição da linguagem. Considero que Saussure, por meio de suas associações, condensa delineamentos teóricos que são desenvolvidos pela Linguística e pelos linguistas que o seguem, caso de Benveniste e de sua reflexão enunciativa.

Se no ato de enunciação há locutores e referência, pensar a aquisição por um ponto de vista enunciativo requer considerar esses elementos nela implicados. Se cada língua comporta os princípios de linguagem saussurianos de mutabilidade e de continuidade, a aquisição da língua materna é o lugar onde esses princípios operam, de modo bastante aparente, quando a língua é convertida em discurso. Por isso, este estudo destaca dois princípios do ato de aquisição deslocados do ato de enunciação – o de intersubjetividade e o de referência – imbricados nos princípios saussurianos de mutabilidade e continuidade da língua.

Os pontos de encontro Saussure-Benveniste serão tratados aqui a partir das analogias saussurianas e da reflexão enunciativa benvenistianiana sobre linguagem para refletir sobre aquisição da linguagem, considerando os dados de FRA, criança acompanhada longitudinalmente dos onze meses aos três anos e quatro meses.

AS ANALOGIAS SAUSSURIANAS E O ATO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

A associação língua-tesouro e a reflexão enunciativa sobre aquisição da linguagem

No capítulo “Objeto da Linguística” do *CLG* (p. 21), encontramos a seguinte formulação: “Trata-se [a língua] de um tesouro depositado pela prática de fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade...”. (SAUSSURE, 1916/2000, *CLG*, p. 21). Essa passagem dialoga com reflexões de Benveniste possíveis de serem deslocadas para se pensar o processo de aquisição da linguagem, conforme palavras do autor:

O locutor [...] tomou consciência do signo sob a espécie de “palavra”. Fez um início de análise linguística a partir da frase e no exercício do discurso. [...] É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem. (BENVENISTE, *PLG I*, 1966/1995, p. 140)

A linguagem se realiza sempre dentro de uma *língua* particular, de uma estrutura lingüística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular. Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra. Uma e outra são *dadas*. Mas também uma e outra são aprendidas pelo ser humano, que não lhes possui o conhecimento inato. A criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens. São homens adultos, seus pais, que lhe inculcam o uso da palavra.” (BENVENISTE, 1966/1995, *PLG I*, p. 31)

As três passagens de Benveniste atestam seu encontro com a afirmação de Saussure, pois “indivíduos de mesma comunidade” do mestre genebrino está em relação com “sociedade definida e particular” do mestre enunciativo. Nesse encontro, aparece também a relação entre

“prática de fala” da passagem do *CLG* de Saussure e “exercício do discurso” da passagem do *PLG I* de Benveniste.

Deslocando para o processo de aquisição, pode-se argumentar com os linguistas que é na prática de fala e no exercício do discurso que a criança encontra o “tesouro” (língua), já que, nas palavras de Benveniste, língua e sociedade são *dadas*. Eis o lugar da língua para os seguidores de Saussure e de Benveniste: uma herança social e cultural.

Esse tesouro onde é encontrado? É Benveniste (1966/1995, p. 285) quem nos responde no *PLG I*: “Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. [...] É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem”. Trata-se, nesse caso, da ação do princípio de intersubjetividade constitutivo do ato de aquisição de linguagem, ação que ilustro com os recortes enunciativos a seguir.

³ Na transcrição, adoto a seguinte convenção: um cabeçalho contendo os participantes da situação de enunciação, indicados pelas três letras iniciais do nome. Ainda entre parênteses é explicitado o grau de parentesco com a criança. Os turnos de diálogo são indicados pelas três primeiras letras do nome de cada participante. FRA indica as iniciais da criança estudada (Francisca). Os comentários do transcritor sobre aspectos da situação da enunciação são indicados com a expressão “com”. Entre colchetes [], são indicadas ações paralelas à fala e eventos não-lingüísticos, como risos. A marca @ indica pausa breve, e a indicação XXX refere-se a segmentos não apreendidos pelo transcritor.

Recorte enunciativo 1³

| | |
|-------------------|--|
| Participantes: | FRA (criança); CLA (babá); AVÓ e CAR (tia, filmando) |
| Idade da criança: | 1;5.15 |
| Situação: | FRA e AVÓ estão na cozinha. A AVÓ abre um armário e pega uma lata com bolacha. FRA abre e fecha o armário duas vezes. |
| 01 AVÓ: | deu, deu ah fechô! Comi [= entregando uma bolacha a FRA], vamu guardá issu vamu guardá de novu [= com a lata na mão e FRA abrindo a porta do armário] @ guardei! [= colocando o pacote de bolacha na lata e fechando-a] |
| 02 Com: | FRA abre a porta do armário, batendo-a em suas pernas. |
| 03 AVÓ: | opa! Tá fecha |
| 04 Com: | FRA fecha o armário. |
| 05 AVÓ: | fechô! |
| 06 FRA: | oô |

Recorte enunciativo 2

| | |
|-------------------|---|
| Participantes: | FRA (criança); CAR (tia, filmando) e AVÓ |
| Idade da criança: | 2;00.28 |
| Situação: | FRA brinca de cozinhar em sua casa, interagindo com a avó. |
| 01 FRA: | qué mais? @ Qué mais? [= faz de conta que coloca mais alimento na panela] |

- 02 AVÓ: tem qui comê mais?
 03 FRA: tem
 04 AVÓ: tem? Ai meu Deus! Tô cheia já @ bom [= faz de conta que come]
 05 FRA: qué mais?
 06 AVÓ: qué
 [...]

 07 Com: a AVÓ pega a colher e faz de conta que come.
 08 FRA: **qué moçá @** qué?
 09 AVÓ: **qué almoçá?** Queru
 10 FRA: **qué afê?**
 11 CAR: **queru café? Queru almoçá** também

Recorte enunciativo 3

- Participantes: FRA (criança); CAR (tia, filmando); MÃE; PAI; EDU (irmão de sete anos); BET (irmão de quinze anos) e AVÓ
 Data da entrevista: 02-11-2002
 Idade da criança: 2;00.28
 Situação: FRA brinca em sua casa, interagindo com os familiares.
 Com: FRA brinca com uma boneca no carrinho.
 01.FRA: ai @ um quihu nenê tá [= dirigindo-se com a boneca para o banheiro]
 02. Com: FRA assegura a boneca no vaso.
 03. FRA: pshí [= representa o barulho da boneca urinando] cocô [= tirando a boneca do vaso]
 04.CAR: cocô?
 05.FRA: é
 06.CAR: [= riso]
 07.CAR: ele já fez?
 08.FRA: já fez [= colocando a boneca de volta no carro]
 09.CAR: ah!
 10.FRA: **é baba nenê cocô** [= colocando a boneca no carro e empurrando o carro]
 11.CAR: ah é? Vai passeá com nenê agora?
 12.FRA: vô

O primeiro ponto a destacar a partir desses recortes é o de que a intersubjetividade é inseparável da atribuição de referência e, por conseguinte, é o que possibilita à criança encontrar a língua, o tesouro, que lhe permitirá *viver*. A relação Saussure-Benveniste, a partir da primeira analogia saussuriana e seus efeitos na reflexão sobre aquisição da linguagem, está colocada, pois é “no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura.” (BENVENISTE, 1966/1995, *PLG I*, p. 140) A criança, ao se apropriar de formas para atualizar no discurso e produzir sentidos para o outro da alocação, é apropriada pelas formas e sentidos atualizados no discurso do outro, possibilitando sua instauração no funcionamento articulado de sua língua materna de modo singular. Isso porque, como vemos no recorte 2, suas formas *enunciativas* (linha 08 – “moçá” e linha 10 – “afê”) têm *sentido* a partir de seus empregos na frase, *sentido*

esse ajustado na relação enunciativa constituída por *eu* e por *tu*, em que o alocutário, ao se assumir como locutor, ressignifica o *sentido* da *forma enunciativa* do locutor (criança) com uma *forma da língua* (linhas 09 e 11 “almoçá” e “café”). A criança também, no recorte 1, retoma as formas do outro (linhas 01 e 05 – “fechô”) para integrar a sua (linha 6 – “oô”) e produzir sentidos.

A partir dessa primeira associação língua-tesouro, pode-se responder à questão deste estudo com a seguinte formulação: *o tesouro* (metáfora saussuriana para língua), *depositado e constituído nos interlocutores da criança, passa a ser próprio dela a partir das relações enunciativas que estabelece com o outro*. A criança apropria-se da linguagem ao mesmo tempo em que é apropriada pela língua por meio do discurso do outro na estrutura enunciativa.

A associação língua-traje e a reflexão enunciativa sobre aquisição da linguagem

Neste item destaco o princípio da referência e a relação com a natureza articulada da linguagem e, conseqüentemente, com a natureza articulada da língua materna na qual a criança se encontra imersa. Para isso, destaco outra analogia saussuriana, presente no capítulo “Analogia e Evolução” (SAUSSURE, 1916/2000, *CLG*, p. 200: “A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido.”

A passagem de Benveniste (1974/1989, p. 18, *PLG II*) de que “todo homem inventa a sua língua e a inventa durante toda a sua vida. E todos homens inventam sua própria língua a cada instante e cada um de uma maneira distintiva, e a cada vez de uma maneira nova” é possível se pensada no quadro de um mecanismo de funcionamento da língua no qual o locutor está inserido. Esse mecanismo para o autor é indissociável da relação forma-sentido, vinculada às propriedades de *dissociação* e *integração*, e dialoga, pela noção de relação, com a

ideia de *língua como traje coberto de remendos de seu próprio tecido*.

Voltemos para os recortes enunciativos.

Destaco, neles, o movimento de retomadas do discurso do locutor anterior pelo locutor atual e a ação da língua sobre a criança, por meio da operação de analogia. No primeiro recorte, o locutor-criança parece atualizar o discurso do outro da sua alocação com uma asserção (“oô”), apropriando-se das unidades mais aparentes marcadas pela tonicidade sintagmatizadas no fio do discurso pelo locutor-avó (“fechô”) para produzir sentidos na interlocução. Já no segundo, o locutor-avó retoma o discurso do locutor-criança (“Qué almoçá? Queru”, linha 09, “Queru café? Queru almoçá também”, linha 11) com a paráfrase da interrogação em um movimento que repete a indagação ao mesmo tempo em que ajusta a forma para se certificar do sentido. No recorte 3, vemos a ação da língua sobre a criança, que realiza a operação de analogia ao atualizar a forma “é” associada a “está” e mostra a costura entre os eixos associativo e combinatório. Esses movimentos revelam uma dupla apropriação – da língua e do discurso anterior do outro atualizado na relação *eu-tu* – e atestam o modo como os trajes são confeccionados. Trata-se do efeito que a enunciação do outro tem sobre a da criança e do efeito da enunciação da criança sobre a do outro. A analogia saussuriana que associa a língua a um traje permite-me estabelecer a seguinte relação: se a enunciação é um processo individual de apropriação da língua, enunciar é vestir um traje com remendos costurados singularmente pelo próprio locutor *com e para* o outro a cada ato de enunciação.

Mesmo que considere que a cada ato de enunciação todo homem modifica sua relação com a língua, não posso deixar de levar em conta o fato de que, na aquisição da linguagem, essa modificação destaca-se. É o momento em que o tecido para compor o traje língua de que fala Saussure é, ao mesmo tempo, escolhido e imposto na estrutura enunciativa. Na verdade, o que a criança mostra é a apreensão par-

ricular desse tecido para produzir sentidos sempre novos a cada ato enunciativo. Para Saussure, a inovação da língua está vinculada ao fenômeno da analogia, que, para ele, é o fenômeno de transformação inteligente. Por isso, observa que:

Não há melhor maneira de perceber o que é isso do que escutar falar, por alguns minutos, uma criança de três a quatro anos. Sua linguagem é um verdadeiro tecido de formações analógicas, que nos fazem sorrir, mas que oferecem, em toda a sua pureza e candura, o princípio que não cessa de acontecer na história das línguas. (SAUSSURE, 2002, *ELG*, p. 140, grifo nosso)

Segundo ele, “a operação de analogia é mais viva e mais fértil na criança, porque ela se vê obrigada a confeccionar, a cada instante, [um] signo” (SAUSSURE, *op. cit.*, p. 140). Essa questão do fabricar língua também é problematizada por Benveniste (1974/1989, p. 19) no *PLG II*: “Cada locutor fabrica a sua língua, como ele a fabrica? Esta é uma pergunta essencial, já que ela domina o problema de aquisição da linguagem”. Saussure (2002/2004, p. 140) nos *ELG*, bem antes de Benveniste, antecipa a questão e responde: “Ora, ela a fabricará sempre de acordo com o procedimento da analogia”

É o que revela a criança, no recorte enunciativo 3, com o uso dos verbos ser/estar no enunciado *é baba nenê cocô*, em que a presença de **é** no lugar onde caberia **está/tá** não é uma mera substituição de uma palavra por outra, mas a associação entre duas sequências possíveis “é brava” / “tá brava”, mas que no contexto prevê uma (“tá brava”) ao invés de outra. São marcas da ação da língua enquanto funcionamento simbólico sobre a criança na enunciação.

É nesse jogo enunciação-língua-enunciação que vejo os dois princípios da linguagem de *mutabilidade* e *continuidade*, conforme Saussure (2002/2004, *ELG*), atuarem, no ato de aquisição, com as operações de *constituição* e *integração* (BENVENISTE, 1966/1995, *PLG I*), que me parecem ligadas às faculdades de *associação* e de *coordenação*,

as quais, segundo o *CLG*, p. 21, desempenham o principal papel na organização da língua enquanto sistema e, como tais, são constitutivas do tecido da língua. Dialogando com Saussure, diria, com Benveniste (1966/1995, *PLG I*, p. 19), que se trata da “língua como organização e do homem como capaz de organizar a sua língua”.

A associação língua-riacho e a reflexão enunciativa sobre aquisição da linguagem

Nos *Escritos*, Saussure traz uma passagem, em que associa a língua a um riacho na montanha.

Observar a língua e se perguntar em que momento preciso uma tal coisa “começou” é tão inteligente quanto observar o riacho na montanha... o RIACHO existe enquanto se diz que ele nasce e que, reciprocamente, ele nada faz além de nascer enquanto se diz []” (SAUSSURE, 2002/2004, *ELG*, p. 85).

A associação língua-riacho encontra eco na relação língua-enunciação, tratada por Benveniste (1966/1995, *PLG II*, p. 83), quando afirma que “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua”. Assim como o riacho tem existência enquanto se diz que ele nasce, a língua tem existência quando enunciada por um locutor. É a enunciação que confere existência à língua-riacho. E para que a criança possa se instaurar na língua precisa banhar-se na enunciação a todo momento, pois, a cada vez que está na enunciação, ela marca seu movimento na língua, mas que, em momento algum, chega a entrar em conflito com a sua organização. Isso porque ela está em um movimento na língua em que, como diz Saussure (2002, *ELG*, p. 136), *tudo está ali*. Benveniste chama a atenção sobre esse fenômeno no texto “O aparelho formal da enunciação”: “Trata-se [...] de um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou outra afeta a

língua toda” (BENVENISTE, 1974/1989, *PLG II*, p. 82). Também, no texto “Da subjetividade da linguagem”, ele observa: “A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda” (BENVENISTE, 1966/1995, *PLG I*, p. 288).

Essa reflexão dialoga novamente com os princípios de *continuidade* e *mutabilidade*, os quais estão presentes na passagem do *CLG*, p. 16, quando Saussure também reflete sobre a linguagem das crianças:

[...] a cada instante ela [linguagem] é uma instituição atual e um produto do passado. Parece fácil, à primeira vista, distinguir entre esses sistemas e sua história, entre aquilo que ele é e o que foi; na realidade, a relação que une ambas as coisas é tão íntima que se faz difícil separá-las. Seria a questão mais simples se se considerasse o fenômeno lingüístico em suas origens; se, por exemplo, começássemos por estudar a linguagem das crianças? Não, pois é uma idéia bastante falsa crer que em matéria de linguagem o problema das origens difira do das condições permanentes; não se sairá mais do círculo vicioso, então. (SAUSSURE, 1916/2000, *CLG*, p. 16)

De fato, se verificarmos que, na história da passagem do latim para o português, a redução de palavras manteve, do estado anterior do tecido da língua, a sílaba tônica, como em *tégula* > *telha* / *dígito* > *dedo* / *apícula* > *abelha* e, nos distintos estados do português de mudanças de formas como “você”: *vossa mercê* > *vossancê* > *você*, vemos que os dados de aquisição também apresentam essa tendência geral do falante de conservar do tecido da língua a marca tônica das palavras como *fechou* > *oô* / *almoçar* > *moçá*. Não queremos, com isso, estabelecer uma relação de equivalência entre as mudanças da língua no tempo com a aquisição, mas consideramos interessante o fato de que a criança, como falante de sua língua materna, conserva do tecido da língua as unidades mais aparentes para se enunciar, reforçando o argumento saussuriano de que, em matéria de linguagem, o problema das origens não difere do das condições permanentes.

Em uma concepção enunciativa de aquisição, os princípios saussurianos de *continuidade* e *mutabilidade* engendram-se no presente incessante da enunciação, que é o tempo por excelência da conversão da língua em discurso e que delimita, por referência interna, o que se torna presente e o que já não o é mais. Esse presente renova-se a cada produção de discurso e imprime, no locutor, o sentimento de uma continuidade.

O estudo em Aquisição da Linguagem é o lugar privilegiado de cruzamento dos princípios saussurianos de *continuidade* e *mutabilidade*, que impõem ao pesquisador articulá-los para explicar a inscrição da criança em sua língua materna. O movimento de renovação/irrepetibilidade de cada enunciação contém a continuidade e repetibilidade da língua, permitindo à criança entrar no seu riacho-língua.

A associação língua não-vegetação e a reflexão enunciativa sobre aquisição da linguagem

Por defender o estudo da língua como ciência histórica e não natural, Saussure (2002, *ELG*, p. 135) argumenta que “a língua não é um organismo, ela não é uma vegetação que existe independentemente do homem, ela não tem uma vida que implique um nascimento e uma morte”. É por estar ligada ao homem que adota o ponto de vista da “Língua na história” e defende que não se conhece um povo sem conhecer sua língua ou ter dela alguma ideia. Deslocando a reflexão de Saussure para o contexto enunciativo, diria que não conhecemos um homem sem relacioná-lo com os modos como emprega sua língua. A passagem saussuriana encontra eco na posição de Benveniste de que “não é a história que dá vida à linguagem, mas é a linguagem que, por sua necessidade, sua permanência, constitui a história” (BENVENISTE, 1974/1989, *PLG II*, p. 32) e também na sua reflexão sobre aquisição da linguagem:

A criança nasce em uma comunidade linguística, ela aprende uma língua, processo que parece instintivo, tão natural quanto o crescimento físico dos seres ou dos vegetais, mas o que ela aprende, na verdade, não é o exercício de uma faculdade “natural”, é o mundo do homem. (BENVENISTE, 1974/1989, *PLG II*, p. 21)

Retomando o linguista, vemos que é ingênua a ideia de um período original na história do homem. Trata-se, segundo ele, de pura ficção. A linguagem é para o semanticista um fato humano: é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural. É inserido nessa concepção que Benveniste considera a existência de uma natureza duplamente paradoxal na língua, ao mesmo tempo imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade. Essa dualidade, para o autor, encontra-se em todas as propriedades da língua e, como tal, manifesta-se na conversão da língua em discurso.

Pensar o estatuto do ato de aquisição da linguagem em uma concepção de língua na história tem me encaminhado a observar e a contar como um saber e uma experiência na linguagem são produzidas pela criança para lhe permitir se historicizar na sua língua materna para fundar-se na dupla natureza (individual e social) da linguagem.

É nesse sentido que considero, a partir de Saussure e de Benveniste, que cada locutor possui uma história de enunciações, por meio da qual constitui sua língua materna e o sistema de representações de sua cultura, estabelecendo-se, desse modo, como sujeito de/na linguagem.

PALAVRAS FINAIS

Ao se deslocar da enunciação para a língua e da língua para a enunciação com o outro, a criança encontra seu tesouro (sua língua materna) para produzir discursos em um movimento sempre renovado. Tal como o movimento das águas no riacho que cai da montanha de modo repetível e permanente, mas também novo e singular para

quem se depara a observá-lo em um dado momento no qual diz que existe, as escolhas que a criança faz do tecido da língua e o modo como engendra os remendos para compor o seu traje revelam o mesmo da língua (seu tecido) e o novo da enunciação (os diferentes remendos), aspectos fundamentais a serem considerados por um pesquisador de aquisição da linguagem. Como a língua não é uma vegetação que existe independentemente do homem, o tesouro que está com o outro, insere-se na relação enunciativa como lugar da “falta” para a criança e do desejo do que poderá se apropriar e, nesse caso, o outro é aquele que a convoca a desejar convocar a sua língua para nela se historicizar. Com isso, a criança pode deixar para traz a sua *in-fância* na linguagem para se constituir como sujeito falante.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile (1974). *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. (1966). *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. Claudine Normand: Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan (Orgs.). Tradução de Cristina de C. V. Birck *et al.* São Paulo: Contexto, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. (1916) *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2000.

_____. (2002) *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. (Tese de doutorado)

_____. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

CARMEM LUCI DA COSTA SILVA

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é professora de Língua Portuguesa na mesma Universidade, onde atua na graduação em Letras e no respectivo Programa de Pós-graduação, na linha de pesquisa de Teorias do Texto e do Discurso.

clcostasilva@hotmail.com